

SUMÁRIO

[Capítulo 1](#)

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

CAPÍTULO 1

Já fazia muito tempo desde a última vez que levara uma mulher para a cama.

Sir Ross Cannon não conseguia pensar em outra explicação para sua reação a Sophia Sydney... uma reação tão intensa que ele se viu forçado a se sentar à escrivaninha para disfarçar a súbita e incontrolável ereção. Ficou encarando a mulher intensamente, perplexo, se perguntando como a mera presença dela provocara tamanho ardor. Ninguém jamais o pegara desprevenido daquele jeito.

Ela era encantadora, com os cabelos cor de mel e olhos azuis, mas tinha também uma característica que ia além da beleza física: um quê de paixão sob a frágil fachada de seriedade. Como qualquer homem, Ross ficava mais excitado com aspectos implícitos do que com atributos que se revelavam prontamente. E estava claro que Sophia Sydney era uma mulher de muitos segredos.

Ele se esforçou para conter a atração que sentia por ela, concentrando-se nos arranhões do tampo de mogno da escrivaninha até o ardor arrefecer. Quando finalmente foi capaz de encontrar o olhar insondável dela, continuou calado, pois aprendera, havia muito tempo, que o silêncio é um instrumento poderoso. As pessoas se sentem desconfortáveis com o silêncio – apressam-se para preenchê-lo e, assim, acabam revelando muito.

Mas Sophia não disparou a falar, nervosa, como tantos fariam. Apenas o encarou com cautela, sem dizer nada. Nitidamente, estava preparada para esperar que Ross se manifestasse.

– Srta. Sydney – falou ele por fim –, meu escrivão me disse que a senhorita não informou a razão de sua visita.

– Se eu tivesse dito a ele, não teria conseguido sequer passar pela sua

porta. Vim me candidatar ao cargo que o senhor está oferecendo.

Ross raramente se surpreendia com algo, já tendo visto e vivido muita coisa durante sua carreira. No entanto, a ideia de ter aquela moça trabalhando *ali*, para ele, era nada menos do que assombrosa. Ao que parecia, ela não tinha noção do que o trabalho envolvia.

– Estou em busca de um assistente, Srta. Sydney. Alguém que atue como escrivão e arquivista em meio período. A Bow Street não é lugar para uma mulher.

– O anúncio da vaga não especifica que seu assistente precisa ser homem – argumentou ela. – Sei ler, escrever, gerenciar as despesas de uma casa e lidar com livros de contabilidade. Por que não posso ser considerada apta para a vaga?

– Quantos anos a senhorita tem? – perguntou Ross abruptamente. – Vinte e dois? Vinte e três?

– Tenho 28, senhor.

– É mesmo?

Ross não acreditou. A Srta. Sydney parecia jovem demais para já ter alcançado aquela idade em que seria considerada uma solteirona irremediável.

– Sim, é mesmo – confirmou ela.

Parecendo achar graça da reação dele, Sophia se inclinou sobre a mesa, pousando as mãos diante de Ross.

– Dê uma olhada. Sempre se pode saber a idade de uma mulher pelas mãos dela.

Ross examinou as mãos à sua frente, apresentadas sem a menor vaidade. Não eram as mãos de uma menina, mas de uma mulher habilidosa, que sabia o que era trabalhar duro. Embora as unhas estivessem escrupulosamente limpas, eram mantidas muito curtas. Os dedos eram marcados por finas cicatrizes, provavelmente fruto de cortes e arranhões acidentais, e por uma marca de queimadura em formato de crescente, provavelmente ocasionada por uma panela ou um tabuleiro.

Sophia voltou a se sentar. A luz se refletiu suavemente em seus belos cabelos castanhos.

– O senhor também não é como eu imaginava – comentou ela.

Ross arqueou a sobrancelha em uma expressão irônica de curiosidade.

– Ah, não?

– Imaginei que seria um cavalheiro mais velho e corpulento, de peruca e com um cachimbo na mão.

A imagem arrancou uma risada rouca de Ross, e ele se deu conta de que havia muito tempo não ouvia a própria risada. Por algum motivo, não conseguiu deixar de perguntar:

– Está desapontada por eu não corresponder ao que imaginou?

– Não – respondeu ela, parecendo um pouco ofegante. – Não estou desapontada.

A temperatura no escritório aumentou até o ponto de ebulição. Ross se perguntou se ela o achava atraente. Estava perto de completar 40 anos e alguns fios brancos já começavam a aparecer entre os cabelos pretos. Anos de trabalho incansável e de pouco sono deixaram suas marcas, e o ritmo exigente da vida que levava o deixara muito magro. Ross não tinha a aparência tranquila e mimada que se via em muitos homens casados da idade dele. É claro que esses homens não perambulavam pelas ruas à noite como ele fazia, investigando roubos e assassinatos, visitando prisões, contendo manifestações populares.

Ele notou que Sophia olhava ao redor com curiosidade. O escritório fora mobiliado de modo bastante modesto. Uma das paredes era coberta por mapas; outra, por estantes de livros. Só havia um quadro: uma paisagem com pedras, uma floresta, um riacho e colinas cinzentas se erguendo ao longe. Ross ficava encarando aquela pintura em momentos de agitação ou tensão. A escuridão fria e silenciosa da paisagem sempre o acalmava.

Ele retomou bruscamente a entrevista:

– Trouxe referências, Srta. Sydney?

– Não. Meu último empregador não me recomendaria.

– Por que não?

Só então a postura dela pareceu abalada, e ela enrubesceu intensamente.

– Trabalhei por muitos anos para uma prima distante. Ela me permitiu morar em sua casa depois que meus pais faleceram, ainda que eu não fosse uma mulher de grandes recursos. Em troca desse ato de caridade, precisei trabalhar como empregada da casa, cuidando de tudo o

que fosse necessário. Acredito que Ernestine ficou satisfeita com meus esforços, até...

As palavras pareceram ficar presas na garganta de Sophia e o súbito suor fez sua pele ganhar um brilho perolado.

Ross já ouvira todas as histórias possíveis de tragédia, maldade e miséria humana durante seus dez anos como magistrado-chefe da Bow Street. Embora não fosse nada insensível, tinha aprendido a guardar certo distanciamento emocional das aflições dos que se colocavam diante dele, mas a ansiedade da Srta. Sydney lhe despertou um forte impulso de confortá-la, abraçá-la e acalmá-la. *Que diabo*, pensou, surpreso e aborrecido, tentando conter a urgência indesejada de proteger a mulher à sua frente.

– Continue, Srta. Sydney – disse secamente.

Ela assentiu e respirou fundo antes de prosseguir:

– Então fiz algo muito errado. Eu tive um amante, algo que nunca havia acontecido. Ele era hóspede de uma grande propriedade próxima ao vilarejo e nós... nos conhecemos durante uma caminhada. Nunca havia sido cortejada por ninguém como ele. Eu me apaixonei, e... – Ela desviou o olhar, aparentemente incapaz de continuar encarando Ross. – Esse homem prometeu se casar comigo, e eu, tola, acreditei. Quando ele se cansou de mim, me abandonou sem pensar duas vezes. É claro que agora me dou conta de como foi absurdo de minha parte pensar que um homem na posição dele me tomaria como esposa.

– Era um aristocrata? – perguntou Ross.

Sophia manteve a cabeça baixa, os olhos fixos no piso.

– Não exatamente. Ele era... é... o filho mais novo de uma família nobre.

– Seu nome?

– Prefiro não revelar, senhor. Tudo o que aconteceu é passado agora. O fato é que minha prima soube do *affair* pela dona da propriedade em que ele se encontrava, e ela também revelou que meu amante era casado. Nem preciso dizer que foi um escândalo, e Ernestine me mandou embora.

Sophia alisou o vestido em um gesto de nervosismo, as mãos correndo pelo tecido que cobria seu colo.

– Sei que isso denota um caráter imoral, mas juro ao senhor que não

me entrego facilmente a... flertes. Se o senhor ao menos pudesse relevar esse deslize...

– Srta. Sydney – disse Ross, e esperou até que ela se forçasse a encará-lo de novo. – Eu seria um hipócrita se a condenasse pelo seu *affair*. Todos cometemos erros.

– Não o senhor, com certeza.

Ross abriu um sorriso irônico.

– Eu especialmente.

Os olhos azuis dela ficaram alertas.

– Que tipo de erros comete?

Ele achou a pergunta divertida. Gostou da ousadia daquela garota, e também da vulnerabilidade que isso escondia.

– Nada que a senhorita precise saber.

Ela abriu lentamente um sorriso.

– Então, continuarei acreditando que o senhor jamais cometeu erro algum.

Aquele era o tipo de sorriso que talvez se visse no rosto de uma mulher depois de uma ardente noite de amor. Pouquíssimas eram donas de uma sensualidade tão natural, de uma vivacidade que fazia um homem se sentir como um ganhão premiado em um haras. Estupefato, Ross se concentrou mais uma vez no tampo da escrivaninha. Lamentavelmente, isso não surtiu qualquer efeito em abrandar as imagens sensuais que invadiam seus pensamentos. Queria puxá-la para cima do mogno escorregadio e arrancar sua roupa. Queria beijar os seios dela, a barriga, as coxas... desbravar o que havia no meio das pernas e enfiar o rosto nas dobras macias, sentir seu aroma pungente e lambe e sugar até ela gritar em êxtase. Quando Sophia estivesse pronta, ele abriria a calça, a penetraria fundo e arremeteria até satisfazer o desejo que o atormentava. Então...

Furioso com sua falta de autocontrole, Ross tamborilou os dedos na escrivaninha. E se esforçou para recuperar o fio da meada.

– Antes de discutirmos meu passado – disse ele –, é melhor nos atermos ao seu. Me diga, houve um filho como resultado desse *affair*?

– Não, senhor.

– Sorte a sua – disse ele.

– Sim, senhor.

– A senhorita nasceu em Shropshire?

– Não, senhor. Assim como meu irmão mais novo, nasci em uma pequena cidade em Severn. Nós...

Uma sombra de tristeza nublou a expressão dela. Ross percebeu que o passado lhe trazia muitas lembranças dolorosas.

– Nós ficamos órfãos quando nossos pais sofreram um acidente de barco e se afogaram. Eu não tinha completado 13 anos. Meu pai era visconde, mas possuíamos poucas terras e nenhum dinheiro para mantê-las. Não tínhamos parentes capazes nem dispostos a tomar conta de duas crianças praticamente pobres. Algumas pessoas do vilarejo se revezaram tomando conta de mim e do meu irmão, mas... – Ela hesitou e prosseguiu com mais cautela: – John e eu éramos bastante rebeldes. Corríamos pelo vilarejo fazendo besteiras, até que fomos pegos cometendo um pequeno furto na padaria local. Foi quando fui morar com Ernestine.

– E que fim levou seu irmão?

Ela respondeu com um olhar distante, os modos subitamente rígidos.

– Meu irmão faleceu. O título foi extinto e as terras da família estão sob custódia do Estado, já que não há nenhum homem aceitável para herdá-las.

O luto não era estranho a Ross, por isso era sensível ao sentimento. Ele compreendeu de imediato que, fosse lá o que tivesse acontecido com o irmão da Srta. Sydney, havia deixado uma cicatriz profunda em sua alma.

– Sinto muito – disse ele.

Ela permaneceu rígida, parecendo não ouvi-lo.

Depois de um longo momento, Ross falou, com voz rouca:

– Se seu pai era visconde, então eu deveria me dirigir à senhorita como “lady Sophia”.

Ela abriu um sorriso amargo.

– Imagino que sim. No entanto, seria bastante pretensioso de minha parte insistir em um título de cortesia, não acha? Meus dias como “lady Sophia” terminaram. Só quero encontrar um emprego adequado e, quem sabe, conseguir recomeçar minha vida.

Ross a encarou com atenção.

– Srta. Sydney, eu não poderia em sã consciência contratar uma

mulher como minha assistente. Entre outras coisas, a senhorita teria que fazer a lista de ocupantes dos veículos que fazem o transporte de prisioneiros entre Newgate e aqui, reunir os relatórios dos patrulheiros da Bow Street e colher depoimentos de uma variedade de tipos absurdos que desfilam diariamente por este prédio. Essas tarefas seriam ofensivas à sensibilidade de uma mulher.

– Eu não me importaria – disse ela com tranquilidade. – Como já expliquei, não levei uma vida protegida, nem sou inocente. Não sou jovem, nem tenho uma reputação ou posição social a preservar. Muitas mulheres trabalham em hospitais, prisões e abrigos e convivem com todo tipo de pessoas desesperadas e fora da lei. Acho que, assim como elas, posso sobreviver.

– A senhorita não pode ser minha assistente – afirmou Ross com firmeza, erguendo a mão para silenciá-la quando ela tentou interrompê-lo. – Mas minha antiga governanta acabou de se aposentar e eu estaria disposto a contratar a senhorita para substituí-la. Seria uma ocupação muito mais adequada.

– Eu poderia cuidar de alguns assuntos domésticos – concedeu ela. – Além de trabalhar como sua assistente.

– Está propondo assumir os dois cargos? – perguntou Ross, e acrescentou, em tom irônico: – Não acha que talvez seja muito trabalho para uma pessoa só?

– Dizem que o senhor faz o trabalho de seis homens – retrucou ela. – Se isso for verdade, saiba que eu certamente conseguiria fazer o trabalho de duas pessoas.

– Não estou lhe oferecendo dois cargos, Srta. Sydney. Apenas um... de governanta.

Estranhamente, o tom autoritário dele a fez sorrir. Era impossível não reconhecer o tom de desafio nos olhos dela, mas era uma provocação amigável, como se ela soubesse que ele não a deixaria escapar.

– Não, obrigada – disse Sophia. – Se não puder ter o que quero, não terei nada.

A expressão de Ross endureceu de uma forma que faria tremer até os patrulheiros mais experientes da Bow Street.

– Srta. Sydney, está claro que a senhorita não faz ideia dos perigos a que deseja se expor. Uma mulher atraente não deve de forma alguma se

misturar com criminosos cujo comportamento vai de pequenos delitos a depravações que eu nem posso começar a descrever.

Ela pareceu não se abalar diante da perspectiva.

– Bem, eu estaria cercada por mais de uma centena de agentes da lei, que incluem policiais, a guarda montada e cerca de meia dúzia de patrulheiros da Bow Street. Me arrisco a dizer que seria mais seguro trabalhar aqui do que fazer compras na Regent Street.

– Srta. Sydney...

– Sir Ross – interrompeu Sophia.

Ela então se levantou e apoiou as mãos na escrivaninha. O vestido de decote alto não revelou nada quando ela se inclinou. Se estivesse usando um decote baixo, seus seios estariam expostos a ele como duas maçãs suculentas em uma bandeja. Terrivelmente excitado com a fantasia, Ross teve que se esforçar para se concentrar no rosto dela. Os lábios de Sophia se curvaram em um leve sorriso.

– O senhor não tem nada a perder em me deixar tentar – argumentou. – Me dê um mês para provar meu valor.

Ross a encarou com um olhar intenso. Havia um toque proposital no charme que ela exibia. Sophia estava tentando manipulá-lo para que ele lhe desse algo que ela queria, e estava conseguindo. Mas por que, em nome de Deus, aquela mulher queria trabalhar para ele? Subitamente, Ross se deu conta de que não poderia deixar que ela fosse embora sem descobrir seus motivos.

– Se eu não conseguir agradá-lo, basta o senhor contratar outra pessoa.

Ross era conhecido por ser um homem extremamente racional. Não seria nada prático para ele contratar aquela mulher. Na verdade, seria uma estupidez. Ele sabia exatamente como as pessoas na Bow Street interpretariam aquilo. Presumiriam que a contratara por se sentir atraído por ela. E a verdade, por mais desconfortável que fosse, era que estariam certas. Fazia muito tempo que ele não se sentia tão intensamente atraído por uma mulher. Ross queria tê-la por perto, apreciar sua beleza e sua inteligência e descobrir se o interesse poderia ser mútuo. Ele pesou os prós e os contras de uma decisão como aquela, mas seus pensamentos foram subjugados por um ardor físico que se recusava a ceder.

E, pela primeira vez em sua carreira, Ross ignorou a razão em favor

do desejo.

Carrancudo, pegou uma pilha aleatória de papéis e entregou a ela.

– Está familiarizada com o *Hue and Cry*?

Ela aceitou a pilha com uma expressão de cautela.

– Creio que seja a publicação semanal com os acontecimentos da polícia, certo?

Ross assentiu.

– Aqui temos inúmeras descrições de malfeitores e detalhes de seus crimes. É um dos instrumentos mais eficazes para capturarmos criminosos, em particular os que vêm de condados fora da minha jurisdição. Essa pilha que lhe dei tem informações dos prefeitos e magistrados de toda a Inglaterra.

Sophia examinou algumas poucas anotações no topo da pilha e as leu em voz alta.

– “Arthur Clewen, ferreiro por ofício, cerca de um metro e oitenta de altura, cabelos escuros e cacheados, voz afeminada, nariz grande, acusado de fraude em Chichester... Mary Thompson, codinome Hobbes, codinome Chiswit, jovem de constituição alta e magra, com cabelos lisos e claros, acusada de assassinato à faca em Wolverhampton...”

– Essas anotações devem ser compiladas e copiadas toda semana – informou Ross, lacônico. – É um trabalho tedioso e tenho questões muito mais importantes para resolver. Então, de agora em diante, essa será uma das suas responsabilidades.

Ele apontou para uma mesinha em um canto, em que cada centímetro da superfície arranhada estava coberto por livros, pastas e correspondência.

– A senhorita pode trabalhar ali. Será preciso dividir a sala comigo, pois não tenho outro lugar onde acomodá-la. Mas passo a maior parte do tempo fora, em investigações.

– Estou contratada, então – concluiu Sophia, a voz carregada de satisfação. – Obrigada, sir Ross.

Ele lançou a ela um olhar irônico.

– Se eu a considerar inadequada para o cargo, a senhorita aceitará minha decisão sem protestar.

– Sim, senhor.

– Mais uma coisa: a senhorita não terá a incumbência de receber o